

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

31 Jan 2015  
18:00 Sala Suggia

**Baldur Brönnimann** *direcção musical*



1ª PARTE

**Kaija Saariaho**

*Verblendungen* (1984; c.14min.)

**Luca Francesconi**

*Cobalt and Scarlet* (2000; c.17min.)



2ª PARTE

**Pascal Dusapin**

*Reverso*, solo para orquestra nº 6 (2006; c.20min.)

**Magnus Lindberg**

*Cantigas* (1999; c.19min.)

**17:00 Cibernúsica**

Palestra pré-concerto por **Baldur Brönnimann**



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA

**SONAE**

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

**RÉSEAU**  
EUROPEAN NETWORK OF ORCHESTRAS  
**VARESE**



**reseé**  
RESEAU EUROPEEN D'OPÉRA  
EUROPEAN OPERA NETWORK

**REMA**  
RESEAU EUROPEEN DE MUSIQUES ACTUELLES  
EUROPEAN NETWORK OF CONTEMPORARY MUSIC

**EUROPE JAZZ NETWORK**

**ECHO** EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION

**TENSO**

## Kaija Saariaho

HELSÍNQUIA, 14 DE OUTUBRO DE 1952

A compositora finlandesa Kaija Saariaho estudou Artes Visuais na actual Universidade de Arte e Design, composição com Paavo Heinnen na Academia Sibelius, e ainda com Klaus Huber e Brian Ferneyhough na Freiburg im Breisgau Musikhochschule. Interessou-se pela música assistida por computador no IRCAM, em 1982.

O seu trabalho seguiu a tradição da escola espectral, centrada desde os anos oitenta na exploração do princípio do “eixo tímbrico”, segundo o qual “uma textura granulosa e ruidosa pode ser ligada à dissonância, ao passo que uma textura suave e límpida pode corresponder à consonância”.

A sua actividade cedo foi reconhecida, nomeadamente pela atribuição de prémios às suas obras mais importantes. Os anos oitenta marcaram a afirmação do seu estilo, fundado em transformações progressivas de material acústico, culminando com o díptico para orquestra *Du Cristal... à la fumée*. Com a ópera *L'Amour de loin*, os princípios que emergiram do espectralismo foram unidos a um novo lirismo.

Kaija Saariaho compôs numerosas peças orquestrais para grupos de prestígio como o Kronos Quartet ou o Ensemble intercontemporain, uma segunda ópera, *Adriana Mater*, e uma Paixão sobre a vida de Simone Weil, *La passion de Simone*.

Entre os galardões conquistados destacam-se os Prémios Grawemeyer, Wihuri e Nemmers, o Prémio Sonning (2011) e o Polar Music Prize (2013). Em 2015 integra o júri do Prémio de Composição Toru Takemitsu.

Foi Compositora em Residência na Casa da Música em 2010, e nesse âmbito foram interpretadas obras suas pelo Remix Ensemble, Coro Casa da Música e Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música – três das quais em estreia nacional. Também por ocasião do Focus Nórdico, em 2008, o ano dedicado pela Casa da Música aos países nórdicos, foram várias as peças de Saariaho a integrar a programação, entre as quais *Verblendungen*. Mais recentemente, em 2013, a ópera *Émilie* foi apresentada na Casa da Música pela Orquestra Gulbenkian.

### **Verblendungen**

O material de base usado na fita de *Verblendungen* consiste em dois sons de violino, uma arcada *sforzato* e um *pizzicato*. A partir destes dois sons, construí uma quase-orquestra de cordas com uma tessitura muito alargada. Os timbres da gravação são muito homogéneos devido ao espectro de referência único. A parte da fita, contendo a manipulação e transformação de material sonoro concreto, foi realizada com as ferramentas digitais do estúdio GRM (Paris) e no Estúdio Experimental da Rádio Finlandesa.

O plano geral para a abordagem ao timbre na peça é baseado na ideia de que a orquestra e a fita se movem em direcções contrárias, relativamente ao eixo tom-ruído. A peça inicia-se com um *tutti* orquestral denso, inicialmente Escondido e depois sombreado pelo ruído da fita. Ao longo da peça, o colorido orquestral é transformado em ruído instrumental que, antes de perder vigor, abafa a quase-orquestra de cordas da fita. A orquestra está pensada de modo a assumir uma natureza heterogénea, contrastando com as cores equilibradas da gravação. Apesar

dos materiais diferentes, por vezes opostos, a orquestra e a fita devem construir um universo sonoro comum, inseparável. Quando compus a peça, um factor ao qual dei importância foi a relação entre a estrutura superficial e as estruturas musicais e formais mais profundas. Entre os diferentes parâmetros que pretendo relacionar, procuro não só as intersecções verticais e horizontais no eixo do tempo, mas também em profundidade, como se os sons fossem organizados em camadas numa perspectiva tridimensional – partindo de sons secos, granulados, e movendo-se para outros mais suaves, ressonantes.

Superfícies ofuscantes, diferentes, tecidos. Pesos, gravidade. Ser encandeado. Interpolações. Reflexos. Morte. A soma de mundos independentes. Sombreado, refração da cor.

KAIJA SAARIAHO

## Luca Francesconi

MILÃO, 17 DE MARÇO DE 1956

Luca Francesconi estudou piano no Conservatório de Milão e composição com Azio Corghi, Karlheinz Stockhausen e Luciano Berio. Passou também um período em Boston a estudar jazz. Entre 1981 e 1984 trabalhou como assistente de Berio. Em 1990 fundou em Milão o Agon Acustica Informatica Musica, um centro de pesquisa e produção musical com recurso a novas tecnologias.

Entre os vários prémios que recebeu destacam-se o Kranichsteiner Musikpreis (Darmstadt 1990), o Förderpreis der Ernst-von-Siemens-Musikstiftung (Munique 1994) e o Prix Italia pela *Ballata del rovescio del mondo*, uma ópera radiofónica com textos de Umberto Fiori (1994).

Escreveu mais de 70 obras para vários formatos e combinações de instrumentos, muitas das quais encomendadas por instituições importantes. Colabora regularmente com maestros, solistas e ensembles prestigiados e com as melhores orquestras do mundo. Escreveu cinco óperas radiofónicas para a Rádio e Televisão Italiana e várias óperas para o palco ou o ar livre, fazendo uso frequente das tecnologias multimédia.

Luca Francesconi tem também uma intensa actividade como maestro. Ensinou nos conservatórios italianos e dirigiu masterclasses em todo o mundo. Actualmente, é professor e director do departamento de composição da Musikhögskolan em Malmö, Suécia. Entre 2008 e 2011, foi Director Artístico da área de música da Biennale de Veneza, e em 2011 foi Director Artístico do Festival Ultima em Oslo. Em 2012, orientou um Seminário de Composição na Fundação Gul-

benkian. No mesmo ano foi compositor associado do recém-criado festival/academia acanthes@ircam em Paris.

Em 2013, ano Itália na Casa da Música, foi Compositor em Residência com sete obras apresentadas ao longo da temporada, pelo Remix Ensemble e Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, entre as quais o Concerto para piano, encomenda em estreia mundial, e as estreias nacionais da ópera *Quartett*, de *Inquieta Limina* e de *Cobalt and Scarlet* – as duas últimas editadas pela Casa da Música num CD monográfico em 2014.

### ***Cobalt and Scarlet***

*Cobalt and Scarlet* baseia-se numa ideia muito simples: a luz de uma madrugada nórdica vista através da janela do meu hotel em Oslo. Era muito cedo, quase noite ainda. Belíssimas cores, envoltas ainda pelas sombras da noite, iam-se transformando numa luz de veludo, azul-cobalto. Um processo surpreendente e muito lento. Tudo parecia imóvel lá fora e, no entanto, alterava-se incessantemente.

De repente, dei-me conta de que algo de novo surgira; um raio mais forte, uma névoa escarlate. Era o sol. Impossível dizer quanto tempo tinha passado. Tornou-se então claro o contraste com a violência do sol e da luz do Mediterrâneo. E o motivo pelo qual o sol, em italiano, é substantivo masculino enquanto noutras línguas do norte – em alemão, por exemplo – é feminino.

Assim, uma luz em contínua, lentíssima transformação por um lado e, por outro, uma presença poderosa, o sol, que no sul se assemelha a um ídolo antigo, uma enorme estátua flamejante que emerge do mar, não muda,

não se transforma, simplesmente “é”; e vem em primeiro plano em todo o seu poder.

Não se trata de uma peça “descritiva”, conhecer estas sugestões pessoais não tem importância para a compreensão da música. No entanto, estas reflexões sobre a luz podem fornecer um fio condutor para penetrar na forma da peça, para quem tiver curiosidade.

Estas duas percepções de luz – cobalto e escarlate – são uma metáfora de duas concepções do tempo. E este é um dos pontos fortes da minha investigação musical. A primeira é aquilo a que eu chamo “tempo dinâmico”, ou seja, uma contínua transformação da matéria. Tem lugar onde as identidades dos objectos não são “imutáveis”, como na fusão do átomo as energias internas se movem e geram novas formas, novas identidades. Pensamento dialéctico tipicamente ocidental, de que a forma-sonata clássico-romântica (e, em especial, o desenvolvimento) é claro exemplo histórico. Em *Cobalt and Scarlet*, este pensamento está ligado ao timbre e à harmonia. A segunda concepção temporal é um tempo “circular”, extra-europeu e pré-clássico, onde, pelo contrário, os objectos não mudam, mas rodam ou se acumulam, emergem ou se retiram. É o sol: observamo-lo na sua forma imutável e imaculada. Manifesta-se epifanicamente, com a sua luz violenta, escarlate. É o ritmo. Torna-se de imediato evidente que este segundo elemento surge apenas após vários minutos mas, inequivocamente, começará a perturbar a lenta progressão do primeiro. No final, tentará controlar toda a matéria musical e arrastará a orquestra numa espécie de selvagem dança dionisiaca.

LUCA FRANCESCONI

## Pascal Dusapin

NANCY, 29 DE MAIO DE 1955

Pascal Dusapin estudou Belas Artes, Ciências e Estética na Universidade Sorbonne-Paris. Entre 1974 e 1978 frequentou os seminários de Composição de Xenakis e entre 1981 e 1983 foi bolseiro da Villa Médicis, em Roma. No início da sua carreira de compositor recebeu inúmeros prémios, entre os quais o Prix Symphonique da SACEM (1994), o Grand Prix National de Musique atribuído pelo Ministério da Cultura (1995) e o Grand Prix de la Ville de Paris (1998). Ganhou o Victoire de la Musique em 1998 e 2002. Em 2005, foi distinguido com o Cino del Duca, atribuído pela Académie des Beaux-Arts. Recebeu a Comenda de Artes e Letras do Governo Francês. Em 2006, foi nomeado professor da cadeira de Criação Artística no Collège de France. Em 2007, foi laureado do Prix International Dan David, prémio que no âmbito da música contemporânea partilhou com Zubin Metha.

Tem seis óperas no seu catálogo, incluindo o DVD premiado *Faustus, The Last Night*. Em 2011, a sua obra foi alvo de uma retrospectiva nos Proms da BBC em Londres.

O catálogo de Pascal Dusapin contava já três encomendas da Casa da Música quando se tornou Compositor em Residência, em 2012. Foi precisamente com *Reverso*, solo para orquestra nº 6 que então arrancou oficialmente o Ano França, ao longo do qual outras 12 obras do compositor francês foram interpretadas pelo Remix Ensemble, Orquestra Sinfónica, Coro Casa da Música e Arditti Quartet. Os Solos para orquestra nºs 1 (*Go*) e 7 (*Uncut*) foram gravados pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e editados em 2013 pela Casa da Música.

## **Reverso, solo para orquestra nº 6**

No início dos anos 90, procurei distanciar-me das durações entre 10 a 20 minutos que estão quase sempre associadas às encomendas de obras para orquestra. Uma vez que ninguém me fazia encomendas para obras de maior duração, decidi esperar paciente-mente. Sonhei com uma forma vasta e complexa constituída por sete episódios autónomos que se regeneravam a partir deles próprios, originando outras possibilidades e proliferando a partir dos interstícios deixados entreabertos dos fluxos precedentes.

O ciclo de sete solos para esse grande instrumento solo que é a orquestra teve início em 1991 com *Go* e ficou concluído em 2008 com *Uncut*, estreado na Cité de la Musique a 27 de Março de 2009. Durante todos esses anos, o meu caminho foi marcado por outras obras que verteram um pouco dos seus materiais para este ciclo. O contrário é igualmente verdade. Pedacos de “isto” encontram-se “ali”, migalhas de “isso” espalham-se “acolá”, metamorfoseando constantemente os contornos gerais do ciclo.

Em latim, “reverso” significa: *retornar em sentido contrário*. Desde há muito tempo que me interesse por formas inversas. Já *Extenso* ou o meu *Quarteto de cordas nº 4* (1996) examinavam essa questão de perto. Olhamos um objecto (mesmo um objecto sonoro...) e movemo-nos à sua volta. Movemo-lo um pouco, observamo-lo obliquamente, mudamos o ângulo de visão. A nossa percepção do objecto e da sua forma altera-se. Porque uma forma é antes de tudo aquilo que se deforma.

*Reverso* é a única peça do ciclo composta em andamentos encadeados. Ou, mais exactamente, em velocidades diferentes. Quatro painéis de tempos articulados e redobrá-

veis, como as asas de um pássaro improvável. Esta música foi escrita através de uma incessante recuperação do “depois” que regressa ao “antes”, para se enxertar novamente no “depois”, e por aí adiante. Por exemplo, o princípio foi escrito ao mesmo tempo que escrevi o final; mas não foi bem assim, uma vez que não se podia decidir como seria o fim sem o início estar escrito e vice-versa.

Esta é uma escrita do “depois” em direção ao “antes”, e que segue constantemente em frente. Da direita para a esquerda, se preferirem. Isto não é apenas um jogo de palavras. A forma de *Reverso* resulta de uma série de dobragens, desdobragens e redobragens da melodia que se ouve tocada calmamente pelas cordas no início do segundo andamento. Esta linha melódica, inicialmente calma e sombria, é progressivamente submersa por fluxos de velocidades e cores variáveis, animados por dinamismos singulares. *Reverso* é o mais longo de todos os *solos*. Tem lugar no ponto cardinal do ciclo, lá onde é possível apreender as propriedades do seu conjunto.

PASCAL DUSAPIN

## Magnus Lindberg

HELSÍNQUIA, 27 DE JUNHO DE 1958

Depois de estudos em piano, Magnus Lindberg ingressou na Academia Sibelius onde foi aluno de composição de Einojuhani Rautavaara e Paavo Heininen. Inspirado por Heininen, fundou por volta de 1980 o grupo informal “Ouvidos Abertos”, com Håmeenieni, Kaipainen, Saariaho e Salonen, procurando estimular uma maior consciência das grandes correntes modernistas. Mudou-se para Paris em 1981, onde estudou com Globokar e Grisey, frequentando neste período também as aulas de Donatoni em Siena.

Afirmou-se como compositor com duas obras em grande escala – *Action-Situation-Signification* e *Kraft*, ligadas ao ensemble experimental Toimii que fundou com Salonen e onde combinava experimentalismo, complexidade e primitivismo. No final dos anos 1980 a sua música voltou-se para um novo classicismo modernista, com obras-chave como *Kinetics*, *Marea* e *Joy*, atingindo o auge com *Aura* (1994) e *Arena* (1995). A sua obra ao longo dos anos mais recentes confirma a sua posição central na composição contemporânea para orquestra.

Lindberg foi nomeado Compositor em Residência na Filarmónica de Nova Iorque (2009-12) e Filarmónica de Londres (durante três anos a partir de 2014/15), com várias encomendas incluindo uma nova obra para soprano e orquestra a ser interpretada por Barbara Hannigan. Em 2003, foi galardoado com o prestigante Prémio Wihuri Sibelius.

Magnus Lindberg foi Compositor em Residência na Casa da Música em 2008, ano dedicado aos países nórdicos, com 10 obras interpretadas pelo Remix Ensemble, Orques-

tra Sinfónica do Porto Casa da Música, o acordeonista Frode Halti e a Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa. Esta última fez então a estreia nacional de *Parada*, obra central de um tríptico completado por *Feria* e *Cantigas*.

(Biografia gentilmente cedida por Boosey & Hawkes)

## ***Cantigas***

O título *Cantigas* refere-se à arte melódica da tradição trovadoresca medieval, particularmente a das *Cantigas de Santa Maria*, coletânea ibérica de canções coligidas pelo rei Afonso X, o Sábio, entre cerca de 1250 e 1280. Qualquer influência musical está, contudo, incrustada nas sonoridades massivas que caracterizam a peça. Por exemplo, o intervalo de quinta perfeita, ouvido frequentemente na música medieval, é usado como ponto de partida para muito do material melódico e harmónico e prolifera por toda da obra – do solo de oboé que a inicia até ao acorde final de grande âmbito que consiste na totalidade dos doze tons da escala cromática, construídos a partir de uma série de quintas entrelaçadas.

Em termos estruturais, *Cantigas* consiste em grandes 'ciclos', cada qual com um carácter claramente definido e num tempo específico. Os ciclos são repetidos ocasionalmente, mas o material está em constante mudança, com um ímpeto e densidade crescente até ao final da obra.

MAGNUS LINDBERG



## **Baldur Brönnimann** *direcção musical*

Baldur Brönnimann é um maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à criação musical e uma afinidade particular pelas partituras contemporâneas mais complexas. Divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. Em Janeiro de 2015 tornou-se Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, no seguimento de uma relação de longo prazo com a orquestra, durante a qual dirigiu um vasto repertório, incluindo obras standard e contemporâneas, e trabalhou com artistas e compositores como Luca Francesconi, Jonathan Harvey e Håkan Hardenberger.

Durante muitos anos, foi o maestro escolhido para projectos importantes com compositores de topo, tendo desenvolvido estreitas colaborações com John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin e Adès, e com orquestras como a Filarmónica de Oslo, Filarmónica Real de Estocolmo, Britten Sinfonia, London Sinfonietta e Filarmónica de Seul. A música contemporânea continua a ter um papel crucial na sua carreira, mas é procurado de igual forma para dirigir o repertório mais corrente, num repertório vasto e ecléctico que apresenta por todo o mundo.

Na temporada de 2014/15, Brönnimann regressa como maestro convidado à Orquestra Sinfónica da BBC para dirigir uma nova encenação multimédia de *Alice in Wonderland* de Chin, no Barbican Centre, bem como ao Klangforum Wien – que dirige todas as temporadas –, Remix Ensemble, Filarmónicas de Helsínquia, Copenhaga e Estrasburgo, Philhar-

monia, Sinfónica do Oeste Australiano, entre outras orquestras. Estreia-se com orquestras como a Sinfónica de Gotemburgo, Nacional de Bordéus e Filarmónica de Bruxelas, onde se apresenta com o pianista Lars Vogt no âmbito do festival Piano Days de Flagey.

Brönnimann dirigiu óperas de Ligeti, Adams, Saariaho, Romitelli, Schoenberg, Szymanowski e Lachenmann na English National Opera, Teatro Colón (Argentina), Ópera Norueguesa, Festival de Bergen e Teatro de Viena.

Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia (2009-2012) e, desde 2011, é Director Artístico do ensemble norueguês de música contemporânea BIT20, com o qual se centra no fortalecimento dos laços do ensemble com o seu público e no desenvolvimento de projectos junto da comunidade cultural da Noruega.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra.

## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Baldur Brönnimann** *maestro titular*

**Leopold Hager** *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de

2010 e 2011. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto. Atualmente engloba um número permanente de 94 instrumentistas e é parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

**Violino I**

James Dahlgren\*  
José Pereira\*  
Radu Ungureanu  
Vadim Feldblioum  
Ianina Khmelik  
Andras Burai  
Maria Kagan  
José Despujols  
Vladimir Grinman  
Roumiana Badeva  
Tünde Hadadi  
Evandra Gonçalves  
Emília Vanguelova  
Diogo Coelho\*

**Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Pedro Rocha  
Francisco Pereira  
de Sousa  
José Paulo Jesus  
José Sentieiro  
Mariana Costa  
Germano Santos  
Paul Almond  
Domingos Lopes  
Nikola Vasiljev  
Vítor Teixeira

**Viola**

Simon Tandree\*  
Anna Gonera  
Emília Alves  
Jean Loup Lecomte  
Hazel Veitch  
Francisco Moreira  
Theo Ellegiers  
Rute Azevedo  
Biliana Chamlieva  
Luís Norberto Silva

**Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Aaron Choi  
Gisela Neves  
Hrant Yerosyan  
Bruno Cardoso  
Michal Kiska  
Vanessa Pires\*

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Jean Marc Faucher  
Tiago Pinto Ribeiro  
Joel Azevedo  
Nadia Choi  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Angelina Rodrigues  
Eva Morais\*  
Ana Rita Oliveira\*

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Jean-Michel Garetti  
Tamás Bartók  
Eldevina Materula

**Clarinete**

Carlos Alves  
António Rosa  
Gergely Suto  
Ricardo Alves\*

**Saxofone**

Hugo Teixeira\*

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov  
Pedro Silva

**Trompa**

Bohdan Sebestik  
Eddy Tauber  
José Bernardo Silva  
Hugo Carneiro  
Pedro Fernandes\*  
Dário Ribeiro\*  
André Maximino\*

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Luís Granjo  
Ivan Crespo  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Ruben Tomé\*  
Marcos López\*

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*  
João Tiago Dias\*  
Sandro Andrade\*  
Pedro Góis\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

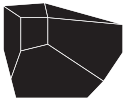
**Piano**

Luís Filipe Sá\*

**Celesta**

Vítor Pinho\*  
Luís Filipe Sá\*

\*instrumentistas  
convidados



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

**mas** PORTO PALÁCIO  
CONGRESS HOTEL & SPA  
OPORTUNIDADE CULTURAL

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL  
SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

